

Cruz, Sinal de Contradição *

A Cruz e as Rosas

A Cruz ergue-se cingida de rosas
Quem uniu a Cruz e as Rosas?
Avoluma-se a coroa
Para cobrir de delicadeza o tosco Lenho

Estes versos de Goethe denunciam a alienação da Cruz, que do patíbulo de Jesus Cristo fez um símbolo do poder, da magnificência, da ambição e da vaidade. A Cruz é o sinal no qual se vence; é o símbolo triunfal das Igrejas; o ornamento imperial; o distintivo de ordens e honorificências. Vê-se no cimo das montanhas e das torres de igreja; ao peito do Cardeal Richelieu e do Führer nazista; ao pescoço do missionário e da nudista; à frente das procissões populares e das rusgas do Ku-Klux-Klan. À sua sombra praticaram-se as maiores atrocidades e viveu-se a vida mais dissoluta. Cruzadas. Inquisição. Cristianização do Novo Mundo. Guerras religiosas. Hoje, o Líbano e a Irlanda.

Para não pouca gente a Cruz é um símbolo sinistro, expressão da ambição, da vaidade, da exploração, da escravização, da violência. Símbolo próprio para adornar caixões, que algum adorno devem ter.

Assim, a Cruz, desbotada pela erosão dos séculos, torna-se um símbolo vazio, um símbolo anti-crístico, que representa exactamente o que Cristo repudiou na Cruz. Parafraseando S. Paulo (I Cor 1,17) diríamos que a «Sabedoria do mundo» «esvaziou a Cruz de Cristo» ao cobri-la de rosas. «Há muitos, disse-vos tantas vezes e hoje digo-vos

* Lição de abertura do Simpósio de Teologia, subordinado ao tema *A Cruz, sinal da Redenção*, realizado em Lisboa, na Universidade Católica Portuguesa, de 17 a 19 de Maio de 1984. Na publicação das comunicações, que ocupam a primeira parte deste volume, seguimos a mesma ordem de apresentação no Simpósio (*Nota da Direcção*).

em lágrimas, que se comportam como *inimigos da Cruz de Cristo*; têm por Deus o seu ventre; põem a sua glória na sua vergonha e só apreciam as coisas terrenas» (Fil 3,18 s).

A Cruz do Calvário

No calvário, porém, a cruz não estava envolta em rosas, mas banhada em sangue vivo; nem era símbolo de honra ou de distinção, mas patíbulo e sinal de desonra, de ignomínia e de maldição. Naquela cena nada havia de estético e de belo; mas, aos olhos do passante, tudo era horrível, inconveniente e perverso. Nem os discípulos nela descobriram algo de atractivo; e debandaram perplexos e escandalizados.

A crucificação era para os romanos a pena mais ignominiosa. Cícero descreve-a como o «suplício mais cruel e tétrico»; «o máximo e extremo». Escreve ele, «o próprio nome da cruz fique longe, bem longe (*absit*), não só do corpo dos cidadãos romanos, mas até do pensamento, dos olhos e dos ouvidos» (*Pro Rabirio*, 5, 16). Tácito caracteriza a morte na cruz como «turpíssima» (*Hist.* 4, 3, 11; ThWNT, VII 573). A pena capital da crucificação era reservada aos escravos fugitivos (*servile supplicium*) e aos estrangeiros rebeldes ou subversivos.

Também para os judeus a crucificação romana era infame. Os idólatras e blasfemos delapidados eram suspensos de um madeiro para que lhes fosse aplicado o Deut. 21, 23 (LXX): «O suspenso de um madeiro é amaldiçoado por Deus».

No calvário dos rejeitados, fora da cidade, Jesus foi cravado na cruz como milhares de outros homens; agitadores, uns; ladrões, assassinos e malfeitores, os outros; como um de tantos em nome da justiça romana e em sinal de aviso; como qualquer idólatra ou blasfemo, amaldiçoado por Deus em nome da Tora (Lei). Nada o podia distinguir, ou o distinguiu, dos que com ele, antes ou depois, partilharam do mesmo destino.

Nem existe desproporção entre o crucificado e a sua vida. Não viveu ele em ruptura, em contraste e em oposição com a ordem político-religiosa estabelecida? A sua morte, fora das portas, fora do acampamento do povo de Deus (Hebr 13, 12 s.), como excomulgado, é expressão da colisão com os poderes estabelecidos e está, por isso, em conformidade com o processo judaico da excomunhão.

À luz da lei e aos olhos dos judeus o crucificado é um blasfemo, um sem-Deus (Lc 22, 37), um inimigo do Povo e da Lei. E para os romanos a sua cruz é sinal da extrema gravidade das repercussões políticas da colisão religiosa por Ele provocada.

A cruz, nua e crua, sem rosas, fala-nos de um nazareno, Jesus, filho de José e de Maria, justificado pelos romanos por ter posto em perigo a estabilidade política do império na Palestina, ao provocar uma séria colisão religiosa no interior do povo judeu.

Escândalo e loucura

Consequentemente *λόγος τοῦ σταυροῦ*, o Evangelho do Crucificado, é escândalo para os judeus e loucura (estupidez) para os gentios, segundo escreve Paulo na I Cor 1 e 2:

«A linguagem da Cruz, com efeito, é loucura para aqueles que se perdem, mas para aqueles que se salvam, para nós, é poder de Deus... Os judeus exigem milagres e os gregos procuram sabedoria, mas nós pregamos um Messias crucificado, escândalo para os judeus, loucura para os gentios; mas para os eleitos, judeus ou gregos, Ele é o Cristo, poder de Deus e sabedoria de Deus. Pois o que é loucura de Deus é mais sábio do que os homens e o que é fraqueza de Deus é mais forte do que os homens» (I Cor 1, 18.22-25).

Loucura, ou estupidez, porque para o homem civilizado e culto da megalópole cosmopolita dos dois mares, Corinto, a fonte da salvação está na *σοφία* (sabedoria) e não na figura ignominiosa de um crucificado, malfeitor, inimigo do povo e do império à luz da infalível justiça romana. Aos olhos da sabedoria, da justiça, da estética e da ética gregas, como pode a *σωτηρία* (a salvação) plasmar-se num quadro tão infame, inestético, inconveniente e imoral? 'O *λόγος τοῦ σταυροῦ*, o Evangelho da Cruz, contradiz radicalmente a sabedoria, ofende a sensibilidade moral dos sábios e opõe-se à noção de justiça dos poderosos. O crucificado é motivo de irrisão e de mofa. Em Roma, no Palatino, apareceu um grafito representando um crucificado com cabeça de burro e com a seguinte inscrição: «*Alexamenos adora o seu Deus*».

Escândalo para os judeus, porque inaudita blasfêmia a identificação do Messias de Deus com um suspenso do madeiro, condenado

em nome da Lei e amaldiçoado por Deus; expulso do meio do povo e excluído da aliança da vida; afastado do convívio com os vivos e da comunhão com Deus, um proscrito do qual todo o homem justo e pio se manterá zelosamente distante. Do ponto de vista judaico o λόγος τοῦ σταυροῦ é, sem atenuantes, uma blasfémia superlativamente sacrílega.

Para judeus e gentios, para o mundo, à luz da σοφία τοῦ κόσμου (sabedoria do mundo), a Cruz é, pura e simplesmente, sinal de ignomínia. A Cruz como sinal de salvação não passa de um absurdo que ao longo da História não deixará de perturbar a própria consciência cristã. Bem cedo, algumas camadas cristãs deitam mão da gnose para suavizar e superar a loucura e o escândalo da Cruz. As rosas. Traduz-se a Cruz nas categorias do humanismo filosófico e conforma-se o λόφος τοῦ σταυροῦ com a sensibilidade do mundo helenista. A coroa de rosas à volta da Cruz, qual erva daninha, parasita, esvazia-a, redu-la a nada; transforma-a em anti-sinal, em estandarte dos poderes mundanos e sinal da mais obscura alienação religiosa. Karl Marx, referindo-se às rosas escreve: «A crítica arrancou, uma a uma, todas as rosas ilusórias da cadeia, não para que o homem arraste esta cadeia sem ilusões e na desolação, mas a fim de se libertar cortando rente as flores que sobre ela vegetam» (Karl Marx, *Frühschriften*, 1953, 208).

Nos nossos dias, a crítica à religião quer-a assim nua e crua, despida das rosas que a piedade e o humanismo cristãos entreteceram à sua volta, escândalo indisível por contradizer «o humano e racional» (segundo Goethe); a ideia de justiça, de beleza e de moralidade. Para Feuerbach «um Deus crucificado é uma contradição ridícula e uma ideia miseramente condenada»; para Nietzsche a fé na Cruz representa a mais inaudita e horrenda inversão de valores; a mais absurda e temerária manipulação dos factos, ao ponto de o crucificado nada ter a ver com a «Religião da Cruz». «Em última análise — escreve Nietzsche — existiu um só cristão e esse morreu na cruz» (Fr. Nietzsche, *Werke* VII, 265).

A Cruz da Fé

Paulo ao ter conhecimento da interpretação coríntica do λόγος τοῦ σταυροῦ à luz da σοφία τοῦ κόσμου insurge-se contra o esvaziamento da Cruz, daí resultante. Entre a Cruz e a sabedoria do mundo

não há conciliação possível. O Evangelho da Cruz visto à luz das categorias filosóficas, jurídicas, sociais, políticas e religiosas da época, quer judaicas, quer greco-romanas, é irremediavelmente escândalo, loucura, absurdo. Para o mundo o crucificado é um falido e nada mais. A integração da Cruz em qualquer sistema de pensamento, antigo ou moderno, significa, pois, traição, desvirtuamento, esvaziamento. Os seus autores são para Paulo «inimigos da Cruz de Cristo» (Fil 3, 18).

A Cruz quer-se na sua total nudez e crueza, como sinal de contradição entre a sabedoria de Deus e a sabedoria do mundo, entre os caminhos de Deus e os caminhos dos homens. Pois bem, à luz da sabedoria de Deus manifestada na ressurreição, o crucificado não é um maldito, um falido, mas o verdadeiro Filho de Deus, o Cristo, o Salvador da Humanidade. A Cruz não significa aniquilamento, mas vitória definitiva, de uma vez por todas, sobre a morte.

Nos dois primeiros capítulos da primeira carta aos Coríntios, Paulo explica como o verdadeiro significado da Cruz não é acessível por intermédio da filosofia, da ciência e da sabedoria humanas ou ainda por meio da magia, mas só e exclusivamente através do dom da sabedoria divina que o Espírito deposita no coração do crente. Só pela força do testemunho do Espírito Santo no nosso próprio espírito se torna perceptível o significado que a Cruz teve para Cristo e para Deus.

A fé na Cruz tem por alicerce firme tal testemunho do Espírito no nosso espírito e como tal é fruto da própria acção redentora do crucificado. O homem apreende o verdadeiro significado da Cruz ao experienciá-la no dom da Fé. O significado íntimo daquele acontecimento único e irrepetível só se abre a quem se deixa envolver pela noite da Cruz, assumindo a contradição que Ela representa para o mundo.

Assim se compreende que o cristianismo tenha significado uma ruptura radical com o mundo religioso da antiguidade. Como Cristo, é acusado de irreligiosidade, de impiedade e até de ateísmo. O cristianismo é repudiado e rejeitado como corpo estranho pelo tecido religioso da antiguidade. A religião da Cruz, não é religião, é uma blasfêmia sacrílega, é anti-religião. Por outras palavras, a Fé na Cruz está em contradição irreduzível com o mundo, com as suas ideias sobre Deus e com as suas seguranças. Por isso o cristianismo é, ele também, sinal de contradição, apropriadamente representado pela Cruz de Cristo.

A Cruz do crente

Afirmámos já que a compreensão do verdadeiro significado da Cruz, pelo dom da sabedoria de Deus, envolve a existência do crente, fazendo-o mergulhar na própria morte de Cristo. «Se um morreu por todos, logo todos morreram» (II Cor. 5, 14). Paulo e os restantes teólogos do Novo Testamento sabem que não é possível falar da Cruz de Jesus Cristo sem pôr aos ombros a própria Cruz. «Faz parte da Fé na Cruz o tomar a Cruz sobre si e seguir o Crucificador» (W. Schrage, 75). Na condição de crucificado o crente sabe que a sua vida é para o mundo contradição, infâmia, loucura, escândalo, um verdadeiro absurdo. Ele sabe que está em contraste e em inconformidade com o mundo. Sabe, além disso, que nenhum sistema filosófico ou teosófico será capaz de a explicar e justificar e que, por isso, qualquer tentativa de a traduzir em gnose humana significaria traição à Cruz, significaria cobrir a Cruz de rosas reduzindo-a a nada, segundo a expressão de Paulo.

«O nu deve ser seguido nu», escreveu Jerónimo, opondo-se assim cruamente a qualquer sublimação ou transfiguração da Cruz. A existência cristã, radicalmente inconformista, é um estado de permanente crucificação. É, ela também, sinal de contradição, cuja representação adequada é a Cruz de Cristo.

Na medida em que o cristão incarna na vida concreta a fé na Cruz, conforma-se com Cristo Crucificado, segue-o animado pelo mesmo Espírito, e pela mesma esperança na vitória final sobre a morte.

A Cruz, símbolo da Ressurreição e da Glória

Assim a Cruz, sinal de contradição, torna-se, para o discípulo, sinal de vitória.

Na verdade, aquele que para o mundo era maldito, para Deus é o seu predilecto Filho, que pela Cruz e na qualidade de crucificado dá entrada na glória divina. A sua elevação na árvore da Cruz, sinal de maldição e ignomínia para os homens, vista na perspectiva divina, como João viu, é a exaltação do Filho de Deus à glória do Pai. A Cruz, símbolo de opróbrio para os homens, serve a Jesus para render plena glória ao Pai e a Deus para glorificar o Filho. A Cruz é, assim, à luz do desígnio de Deus, sinal de ressurreição e de glória.

A Cruz dá testemunho inequívoco da indefectibilidade da relação existente entre o Filho e o Pai. Nem Ela, com o seu enorme poder destruidor, foi capaz de quebrar o laço de união filial que ligava o crucificado a Deus, pelo contrário, reforçou-o para todo o sempre. Ao «consumatum est» de Jesus, Deus responde com a ressurreição.

Através da Ressurreição o crucificado torna-se πνεῦμα ζωοποιούν, Espírito fecundo, vivificador; novo Adão, progenitor de uma nova humanidade. O germen da nova vida é o seu próprio Espírito de Filiação divina que o manteve indefectivelmente unido ao Pai na vida e na morte e o mantém na comunhão trinitária. Na Cruz, o Filho de Deus fez do seu Espírito de Filiação oblação total ao Pai e aos Irmãos. Estes, dotados do Espírito da Filiação divina tornam-se verdadeiros filhos de Deus em Cristo. Paulo escreve aos romanos:

«todos os que agem segundo o Espírito de Deus são Filhos de Deus. Não recebestes o Espírito da servidão e do temor, mas o πνεῦμα υιοθεσίας (Espírito da Filiação) no qual clamamos: Abba, Pai. Este Espírito dá testemunho no nosso espírito que somos filhos de Deus. Se somos filhos de Deus, somos herdeiros; herdeiros de Deus: coherdeiros de Cristo pois sofremos com Ele para com Ele sermos glorificados» (Rom 8, 15-17).

De forma, ainda mais clara, Paulo escreve aos Gálatas:

«Ao chegar a plenitude dos tempos Deus enviou o seu Filho, nascido de Mulher, sujeito à Lei, para redimir os que estavam sujeitos à Lei, para recebermos a adopção filial. A prova de que vós sois filhos é que Deus enviou aos nossos corações o Espírito de seu Filho, que clama: Abba, Pai. Assim, já não és escravo, mas filho; filho e, portanto, herdeiro de Deus» (Gal. 4,4-7).

O Espírito do Filho, crucificado-ressuscitado, vindo a nós pela Palavra e pelo Baptismo, abre-nos o sentido da Cruz ao fazer de nós verdadeiros filhos de Deus em Cristo; com Ele crucificados para o mundo e ressuscitados para a vida nova.

Em Cristo, e à semelhança de Cristo, o discípulo é um verdadeiro crucificado e ressuscitado. Crucificado porque ressuscitado com Cristo. Pois é a força do Espírito do Ressuscitado que nos abre ao Mistério da Cruz e nos transforma em verdadeiros Filhos de Deus, em comunhão filial com o Pai e fraternal com os irmãos. Crucificados

com Cristo para o mundo do pecado e com Ele ressuscitados para a vida nova que se consuma na glória de Deus.

A Cruz, sem perder o seu vigor como sinal de contradição, transforma-se, assim, para o crente, em sinal de vida plena, em sinal de esperança, em sinal de vitória, em sinal de glória.

Oh! Cruz, quem te adornou de rosas?
O Deus da Glória.

JOSÉ DE FREITAS FERREIRA